

Infecção no paciente grave: um relato de caso

O avanço da tecnologia permite prolongar a sobrevivência do paciente cuja condição patológica apresente risco de morte iminente. O suporte da Unidade de Terapia Intensiva (UTI) garante um acompanhamento contínuo da evolução clínica, possibilitando visualizar alterações hemodinâmicas desfavoráveis precocemente, permitindo a intervenção imediata, e quase sempre a reestabilização. No entanto, para garantir esse controle o paciente é submetido a inúmeros procedimentos, principalmente os métodos invasivos, como cateterização urinária, intubação orotraqueal, ventilação mecânica e cateteres intravasculares. Tais procedimentos, por um lado beneficiam o usuário, por outro o expõe a riscos, como a infecção hospitalar. Relataremos aqui o caso de um paciente internado na UTI de um hospital público do interior da Bahia, o qual acompanhamos durante a prática acadêmica, no ano de 2013. O mesmo foi vítima de acidente automobilístico, sofreu traumatismo crânioencefálico e foi submetido a inúmeros procedimentos invasivos para manter o controle hemodinâmico até sua recuperação. No entanto, desenvolveu uma infecção hospitalar que evoluiu para sepse, resultando em sua morte. A infecção hospitalar pode ocorrer em qualquer espaço de internação, porém, devido à condição clínica grave dos pacientes internados na UTI, e a debilitação do seu sistema imunológico, o risco de infecção é maior. Medidas simples, como a lavagem das mãos antes e depois de manipular o paciente e seus pertences, constitui um método preventivo bastante eficaz. Com isso, beneficia-se tanto o paciente como o profissional. Individualizar o cuidado e atentar para a manutenção da técnica asséptica na realização de procedimentos invasivos também constituem condutas eficazes.